

## JOSÉ ANTÓNIO CAPRICHOSO, Construções Metálicas da Beira

**A** Construções Metálicas da Beira (CMB) foi constituída em Julho de 1995 com instalações no Parque Industrial do Mundão, em Viseu, sendo os seus fundadores pessoas ligadas a esta actividade desde 1988.

Em 2001 iniciou a construção da sua nova unidade industrial situada na Zona Industrial de Nelas, ocupando uma área coberta de 7.000 M2, o que permitiu aumentar a capacidade produtiva em cerca de 50%. Durante o ano de 2002 a CMB deu início a um projecto que tinha como base procurar parceiros estratégicos tendo em vista o desenvolvimento da empresa a todos os níveis. Em Dezembro de 2003 deu como concluído esse projecto escolhendo a Omnitrade, SA para o efeito, escolha que permitiu a ambos abranger áreas de mercado que isoladamente não seria possível. Hoje, oferece aos seus clientes diversas soluções ao nível de estruturas, revestimentos, fachadas em alumínio, vidro e sistemas de desenfumagem. Dispõe de cerca de 85 colaboradores distribuídos por diversas áreas, nomeada-

mente projecto, preparação, fabrico, tratamento anticorrosivo, montagens, comerciais, administrativos, segurança e qualidade.

O volume de negócios, nos últimos cinco anos, aumentou em média cerca de 17% ano. Tendo atingido o valor de 5.500 mil Euros, em 2005, e esperando que cresça até aos 6.500 mil Euros, em 2006.

Os principais clientes são empresas de construção civil e grupos de investidores nacionais e estrangeiros. Das principais obras executadas e adjudicadas no último trimestre salienta-se o Retail Park de Albufeira, ampliação do Aeroporto de Faro, Retail Park de Braga, ampliação do Aeroporto das Lajes, Retail Park dos Açores, Multiusos de Arade, Fórum Almada, Edifício Bagagens Aeroporto Lisboa, Estação de Penalva, Hangar - Portugalia, Metro Corroios, Rem., Casino Figueira Foz, Unidade da Labesfal, Auto Europa- Palmela, Unidade da Movicer (Grupo Recer), Diversos Modelos, E. Leclerc - Montijo.

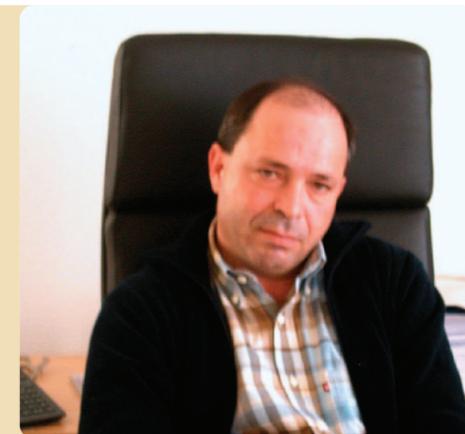
No que diz respeito ao sector de construções metálicas na região das Beiras, José António Caprichoso refere

que se encontra «bem implementado a nível de empresas, não acontecendo o mesmo a nível de obras».

O interlocutor recorda que, quando começou «a trabalhar na construção metálica, em 1988, até à data, negociei cerca de 1.000 obras metálicas das quais 50% foram negociadas de 2000 para cá. Este indicador diz-me que cada vez mais o aço substitui o betão, isto tendo em conta que a indústria do aço, não irá sofrer grandes alterações no custo da matéria-prima. Hoje o investidor quer o retorno do seu investimento o mais urgente possível, como tal opta por construir rápido e com qualidade, isso só é possível através de soluções metálicas e mistas».

De acordo com José António Caprichoso, a Associação de Construção Metálica e Mista (CMM) «veio dar um impulso enorme à construção metálica, pela forma como conseguiu passar e divulgar, através dos seus congressos, que as obras e outras iniciativas não se projectam só em betão, existindo uma alternativa que é o "Projecto Metálico"».

Na sua opinião, felizmente, «hoje já temos jovens



licenciados que estão devidamente preparados para iniciar a sua actividade no mercado de trabalho projectando ou construindo em aço».

No seu entender «o mercado português, no seu geral, está e vai continuar em crise. No entanto, a CMB iniciou o ano com encomendas acima do objectivo inicial, o que nos permite encarar o mesmo com algum optimismo». ■

## ANTÓNIO SANTOS, GESTEDI, Construções e Investimentos Imobiliários

**A** Gestedi nasce em 1999, com a preocupação e a visão estratégica de inserir tecnologias inovadoras no sector da construção. À semelhança do que já se verifica há décadas em países mais desenvolvidos como os Estados Unidos, Canadá, Finlândia ou Noruega, pretendíamos oferecer ao mercado soluções alternativas com garantia de segurança, conforto e rapidez de execução. Um produto diferente, que desse um novo impulso à concepção de habitar.

Ao longo destes primeiros seis anos, temos realizado um esforço diário no sentido de divulgar o método construtivo, elucidando clientes, engenheiros e arquitectos para as vantagens das nossas soluções, com especial destaque para a resistência anti-sísmica, o ambiente climatizado e a relação custo-benefício.

O volume de negócios tem aumentado à medida que o mercado se torna mais conhecedor desta tecnologia, rondando neste momento os 1.000.000 Euros por ano. Os seus principais clientes situam-se nas áreas de reabilitação e ampliação de edifícios, bem como na construção residencial.

Para António Santos, «existe ainda muito a fazer» ao nível da construção metálica e mista em Portugal, nomeadamente «para que os construtores apliquem novas tecnologias». Na sua opinião, «na generalidade dos casos, não se verifica uma pre-

ocupação em aprender novas formas de construir. Diríamos mesmo que existe uma indolência instalada ao nível dos empreiteiros e também ao nível dos gabinetes».

Contudo, como referiu, «a inovação está à distância de um "clique" e "qualquer pessoa pode pesquisar na Internet e, invertendo as posições, informar o seu projectista de soluções mais vantajosas a nível de eficiência e qualidade. Estamos convencidos de que dentro de dez anos a figura do "trollha" terá desaparecido, sendo a própria sociedade a excluir naturalmente comportamentos de trabalho anacrónicos».

Relativamente ao estatuto e ao trabalho preconizado pela Associação Portuguesa de Construção Metálica e Mista (CMM), considera que esta entidade «é um veículo estratégico e um instrumento importante para a divulgação de novas tecnologias construtivas e de novos eventos no sector, constituindo-se mesmo como um parceiro comercial sempre disponível». Aliás, realçou «a generosa atenção que Duarte Franco tem dedicado à Gestedi», avançando que «em breve iremos trabalhar juntos na realização de um seminário conjunto envolvendo as ordens dos engenheiros e arquitectos. Este seminário terá, entre outros objectivos, o desmistificar e divulgar deste método como mais uma alternativa para a construção residencial unifamiliar e



em altura, bem como para a reabilitação e ampliação de edifícios».

Relativamente ao panorama actual deste mercado, em particular, quer do País, em geral, refere que «o factor crise é global e atravessa economicamente todos os sectores e, por conseguinte, cada cidadão», no entanto, considera que «este método construtivo pode ser um contributo inovador na relação entre prazos de execução de obra e qualidade do produto final», aliás, acha mesmo que estamos perante «uma verdadeira alternativa quando conseguimos reduzir em média quatro vezes menos tempo para o mesmo volume de obra».

Acresce ainda o facto de «ser necessária menos de metade da mão-de-obra, dado que os materiais aplicados chegam à obra praticamente no seu estado de acabamento final. Verifica-se uma melhoria efectiva na garantia dos materiais, entregues com certificado de fábrica, eleva-se o nível da qualificação do trabalhador e oferece-se tecnologia eficiente ao cliente». Acrescentando, ainda, que «tal como nou-

tros sectores de inferior ou igual consumismo que evoluíram a grande velocidade, também pensamos que é por esta via que a construção terá o seu caminho evolutivo».

Quanto ao futuro?

Para António Santos «as perspectivas não são promissoras», prevendo mesmo uma «estagnação e conformismo relativamente ao sector da construção. Como sabemos, este sector é, em geral, o primeiro a sofrer com a recessão económica advinda da instabilidade que vivemos neste momento à escala nacional e internacional».

Ainda assim, espera «que, num contexto europeu, Portugal não baixe os braços e consiga crescer nos próximos anos, encarando com energia o que ainda há a fazer, quer em matéria de reabilitação do nosso património, riquíssimo, mas votado ao abandono, quer em termos da consciencialização que cada um de nós tem que assumir enquanto técnicos. É minha convicção de que esse futuro, que está ao nosso alcance, passa forçosamente pelo aço». ■